



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Este volume 7, número 2, 2021, de *ECO-REBEL*, começa com o artigo “Uma interpretação do conto ‘uma vela para Dario’ de Dalton Trevisan, escrito por Ubirajara Moreira Fernandes, que procura aplicar os princípios da ADE na análise de um texto literário. Apoiando-se também em Benveniste e Bakhtin, Fernandes mostra que, a despeito de a ADE ter como objeto preferencial o texto-discurso dialógico, os chamados textos-discursos monológicos também têm um fundo de dialogia, com o que não fugiriam do escopo holístico da disciplina, que tem ainda como pontos fulcrais a defesa da vida, juntamente com uma luta contra o sofrimento evitável. É um bom exemplo de aplicação da ADE, sobre a qual já existe um novo livro que, por sinal, tem como último capítulo justamente um estudo sobre o mesmo conto, embora de forma bastante diferente do de Ubirajara Fernandes. O livro está disponível na seção de e-books do site da linguística ecossistêmica, cujo endereço é:

<http://www.ecoling.unb.br/images/ADE.pdf>

O segundo artigo é “O ecossistema mental da língua e a psicolinguística” de Márcio M. G. Silva. Ele mostra que, a despeito de a ecolinguística vir sendo associada quase só à sociolinguística, há também muitas afinidades entre ecolinguística e psicolinguística, sobretudo na versão praticada pela falecida psicolinguista romena Tatiana Slama-Cazacu e sobretudo quando se pensa no ecossistema mental da língua.

O terceiro texto, “Contato linguístico no Brasil quinhentista: uma análise ecolinguística”, de Leonardo Kaltner & Viviane Teixeira, fala sobre o contato inicial entre portugueses e ameríndios em Porto Seguro, em 1.500, e sobre o tratamento discriminatório que se

ECO-REBEL

seguiu neste e em contatos ulteriores. Por este artigo se pode ver como o contato de línguas pode ser abordado de modo bastante produtivo da perspectiva da ecolinguística. Em quarto lugar vem o artigo de Anderson Nowogrodzki da Silva, “A pandemia de COVID-19 e os efeitos do discurso obscurantista instaurado nas redes sociais digitais”. O autor argumenta que o discurso obscurantista no Brasil (via *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* etc.) durante a pandemia de COVID-19, além de ser negacionista em relação ao discurso científico e à sua legitimidade social, fez das redes sociais digitais ambientes virtuais em que proliferam em grande escala e com extrema velocidade enunciados que tentem constituir e reafirmar as identidades dos usuários sem se importar com os fatos. Importa mais o como se diz do que o que se diz, com isso reiterando a face criada para o usuário.

O quinto artigo é “Linguagem, cultura e meio ambiente: a percepção dos atores de Maguari, na Floresta Nacional do Tapajós, Amazônia, Pará, Brasil”, de Maria dos Santos & Terezinha Costa-Hubes. As autoras mostram que na percepção da linguagem ambiental se revela claramente “o lugar de vivência”, “a relação cultura e ambiente” presente em diversas atividades, como o banho de rio. O artigo mostra as íntimas interações entre o meio ambiente mental e os dois outros, meio ambiente natural e meio ambiente social, embora as autoras não usem essa terminologia.

Em sexto lugar vem o artigo de George M Jacobs & Chau Meng Huat, intitulado “Changing perspectives on advocating for moving toward plant-based foods: reflections from two applied linguists”. O conteúdo do texto já transparece no título, mas uma de suas contribuições mais específicas e interessantes é uma crítica ao uso de *who* só para humanos e de *that* e *which* só para animais. Para os autores, essa distinção revela o caráter antropocêntrico da língua inglesa. A tese central do artigo é a defesa do consumo de alimentos de base vegetal contra os de origem animal.

O sétimo artigo, “Língua, comunidade e pluricentrismo à luz da ecolinguística”, de Davi Albuquerque, retoma conhecidos conceitos da variante brasileira da ecolinguística, a linguística ecossistêmica, para discutir a questão do que é língua e comunidade. O autor discute não apenas os conceitos linguístico-ecossistêmicos de língua e comunidade, mas mostra que o pluricentrismo permite conciliar a ideia de uma língua geral e as inúmeras comunidades de fala que podem ser detectadas nela. Cada uma dessas CF pode ser focalizada como “centro” da língua. E mais, pode-se até dispensar o conceito de pluricentrismo e adotar o acentrismo, ou seja, as línguas não têm um “centro”.

ECO-REBEL

Este número contém ainda quatro resenhas e uma miniresenha. A primeira resenha é do livro *From Language Shift to Language Revitalization and Sustainability: A Complexity Approach to Linguistic Ecology*, de Albert Bastardas-Boada, resenhado por Pere Comellas. A segunda é do livro *A linguagem rural da região de Major Porto, município de Patos de Minas (MG): uma visão linguístico-ecossistêmica*, de Hildo Couto, feita por Mario L. M. Gaio. A terceira é do livro de Elza do Couto e Eliane Fernandes, *Análise do discurso ecossistêmica: teoria e prática*, já mencionado acima, com URL. Ela foi escrita por Zilda Dourado. A quarta resenha, escrita por Gilberto Araújo, é do livro *A vida secreta das árvores*, de Peter Wohlleben. A miniresenha, escrita por Hildo Couto, é do segundo livro da série Bloomsbury Advances in Ecolinguistics, intitulado *Storytelling and Ecology: Empathy, Enchantment and Emergence in the Use of Oral Narratives*, de Anthony Nanson.

O número conta ainda com uma interessante entrevista com o ecolinguista inglês Arran Stubbe, concedida ao ecolinguista chinês Guowen Huang. Ela nos permite ver não apenas algumas das principais ideias de Stubbe, mas até mesmo algumas informações sobre a ecolinguística chinesa.

Por fim, vem um obituário do simpatizante da ecolinguista Pierre Guisan.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 7, n. 2, 2021.